



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com empresários salvadorenhos**

**San Salvador-El Salvador, 26 de fevereiro de 2010**

Bem, primeiro, meu querido companheiro Ivan Ramalho, o carinho e o prazer de poder participar de uma reunião em que fica demonstrado o aumento da percepção entre os empresários brasileiros e os empresários de El Salvador, que nós temos que construir uma longa estrada para que possamos atender aos interesses econômicos do Brasil e aos interesses econômicos de El Salvador.

Segunda coisa, dizer ao companheiro Maurício Funes que um dos sucessos que nós tivemos no Brasil na relação com o empresariado é que nós sempre estivemos muito abertos em toda as discussões que fizemos com os empresários. O governo nunca se comportou como se fosse o dono da verdade, nunca permitimos que os nossos ministros deixassem de conversar as políticas setoriais. Sobretudo no auge das crises, nós envolvemos muitos empresários para nos ajudar a encontrar a saída para a crise econômica. E grande parte das coisas que nós fizemos no Brasil foi construída junto: governo, empresários e trabalhadores. Aqui tem empresários que participam do meu Conselho de Desenvolvimento Social. E lá sentam grandes empresários, grandes dirigentes sindicais, gente da igreja católica, gente da igreja evangélica, gente dos sem-terra, ou seja, ali, naquele Conselho está representada a cara da sociedade brasileira e o resultado, que no começo parecia assustador, o resultado tem sido extraordinário. Portanto, se você ainda não tem um Conselho de Desenvolvimento, crie, porque ajuda de forma extraordinária a encontrar soluções.

Bem, dizer aos empresários de El Salvador que a relação do Estado brasileiro com a relação... com El Salvador é uma relação extremamente



respeitosa, independentemente de quem seja presidente da República de El Salvador. Mas, certamente, que tendo El Salvador, na Presidência da República, um companheiro que era meu companheiro antes de ser presidente da República, facilita e motiva com que a gente trabalhe com muito mais disposição e com muito mais carinho. Porque eu desejo para o companheiro Maurício o mesmo que eu desejo para mim.

Quando eu assumi a presidência do Brasil – e não estou falando nenhuma novidade para os empresários brasileiros – eu tinha que provar a cada dia que eu ia ter competência para governar o Brasil. Era quase que a necessidade de adotar todo dia a política da sobrevivência, para poder provar que nós íamos governar bem o Brasil. E eu tinha clareza de que não podia errar, ou seja, nós tínhamos que dar certo, porque se nós errássemos ia demorar muito tempo para que um trabalhador pudesse governar o Brasil outra vez.

E eu vejo o mesmo para você, Maurício. Eu vejo o mesmo. Esse país aqui é um país que teve durante muito tempo uma conturbação política muito séria. Foram anos de guerra civil, de disputa. Muitas vezes esse país aqui também governado apenas por um segmento da sociedade, por um segmento político. E você, depois de muitas décadas, é a primeira... é a primeira pessoa que não é de origem dos quadros políticos antigos da (incompreensível) Salvador, nem da esquerda e nem da direita, que governa este país. Portanto eu acho que a chance que você tem, Maurício, é uma chance excepcional de fazer esse país, que tem uma base estruturada, intelectual, de mão de obra qualificada... a chance que você tem é de fazer com que esse país dê um salto de qualidade extraordinário nesses próximos quatro anos, já que você já está completando um ano de mandato, ou seja, em junho já completa um ano de mandato, portanto, passa a faltar apenas quatro anos.



E quero dizer aqui aos empresários de El Salvador e aos empresários brasileiros que o Brasil fará todo e qualquer esforço necessário para contribuir com o salto de qualidade que El Salvador tem que ter nesse próximo período.

E aí, Maurício, eu me pergunto sempre, e pergunto aos meus companheiros, qual o papel que um país do tamanho do Brasil tem que ter na relação com um país menor, como El Salvador?

Ora, eu tenho dito aos meus ministros de que uma relação produtiva, uma relação sadia, não é aquela em que o país detentor de mais tecnologia, detentor de mais recursos, queira apenas vender os seus produtos para o país menor. Essa é uma parte da nossa relação. Mas a parte sadia é: ao mesmo tempo em que um país maior quer vender, ele tem que criar as condições para comprar, para que haja um equilíbrio no fluxo da balança comercial entre os dois países. Que não haja um superávit, quase que uma supremacia, de uma nação sobre a outra na balança comercial.

E uma das coisas que nós temos tomado como decisão no Brasil é criar as condições de financiamento de indústrias brasileiras nos países menores, para que essa indústria brasileira possa gerar os empregos necessários no país e ao mesmo tempo exportar parte do produto fabricado no país para equilibrar a balança comercial. Essa tem sido, um pouco, a lógica da nossa relação comercial com os países menores. E nós sabemos que isso leva um tempo. Entre você pensar um projeto, financiar esse projeto, fazer uma fábrica e começar a produzir leva, às vezes, o tempo de um mandato de um presidente da República.

Mas estejam certos de que o governo brasileiro e os meus ministros têm a orientação e a determinação de que o equilíbrio bom e o comércio bom é aquele que seja uma via de duas mãos. Ou seja, que seja equilibrado, para que ninguém se sinta prejudicado na relação comercial. E, inclusive, não criar animosidade entre setores de investidores contra empresas de outros países ou multinacionais que queiram ocupar o espaço. Nós não queremos ocupar



espaço. Nós não queremos que as empresas brasileiras venham aqui e comprem todas as empresas de El Salvador. O que nós queremos é que as empresas brasileiras construam parcerias com as empresas de El Salvador. Na produção de biocombustíveis, por exemplo, onde nós temos uma extraordinária tecnologia, na produção de combustíveis de segunda e terceira geração, onde o Brasil tem tecnologia avançada, na produção de energia do bagaço de cana, da casca de cana onde o Brasil tem tecnologia avançada. O que nós queremos é construir parcerias com as empresas de El Salvador para que possamos crescer juntos e fazer com que os países se desenvolvam juntos.

Nós entendemos que, para que isso aconteça é preciso fazer algumas coisas: a primeira coisa que nós tomamos decisão, Maurício, no Brasil, foi crédito e financiamento. Eu dizia sempre o seguinte: o Brasil era um país capitalista de economia capitalista que não tinha nem crédito, nem financiamento. Então, não era possível você imaginar, sabe, um país governado a vida inteira por capitalista, precisou eleger um metalúrgico, que se dizia socialista, para compreender que não era possível um país capitalista ficar pobre e muito menos um país capitalista sem crédito e financiamento. Se não tiver circulação de moeda, não tem emprego, não tem renda, não tem desenvolvimento e não tem investimento. Essa era uma lógica primária que qualquer imbecil deveria saber. Mas a verdade é que não era assim. Eu vou dar um exemplo para vocês: quando em março de 2003, o Brasil inteiro, de 190 milhões de habitantes, tinha apenas R\$ 380 bilhões de crédito. Todo o crédito disponibilizado no Brasil era de apenas R\$ 380 bilhões. Sete anos depois, nós temos R\$ 1 trilhão 410 bilhões de crédito. O BNDES não conseguia financiar mais de R\$ 40 bilhões. No ano passado terminamos o ano com um financiamento de R\$ 139 bilhões. A Caixa Econômica Federal, que financia habitação, financiou, em março de 2003, R\$ 5 bilhões. Este ano, financiou R\$ 45 bilhões, ou seja, nove vezes mais.



Ora, então qual foi o milagre da economia brasileira? Por que nós enfrentamos a crise melhor do que os outros? Por que no ano passado, enquanto o mundo desenvolvido, tanto Estados Unidos quanto Europa, amargaram, cada um, mais de 7 milhões de desempregos, o Brasil gerou 950 milhões de novos postos de trabalho? Mil, não milhões. Por que esse mês de janeiro agora, enquanto ainda o mundo desenvolvido não recuperou, o Brasil já gerou, no mês de janeiro, 185 mil novos postos de trabalho? Ou seja, é a melhor geração de emprego de todos os janeiros da história do Brasil.

Ora, porque nós fizemos aquilo que nós achamos a coisa primária. Política tem uma coisa importante. Política tem uma coisa importante: política, tudo que é simples, e tudo que é normal de fazer, tudo que é aquilo quase que obrigação de fazer é o que dá resultado. A política complica quando você começa a inventar; a política complica quando você começa a teorizar coisas que são práticas.

O que nós fizemos no Brasil de milagre, Maurício? Nós colocamos dinheiro na mão do povo pobre. Primeiro criamos uma coisa chamada crédito consignado, ou seja, um crédito para uma parte da sociedade que não tinha crédito, e que esse crédito, o trabalhador dava como garantia o seu salário. E ele tomava o dinheiro emprestado e só podia comprometer, no máximo, 30% do seu salário. Aqui, parece que você fala *crédito em nómina*. Lá, é crédito dando como garantia o contracheque do trabalhador no final do mês, o salário dele. Ou seja, nós colocamos, em três anos, R\$ 105 bilhões no mercado, financiando pessoas que, habitualmente, nem entravam em banco.

Cada vez que nós aumentamos o salário mínimo, nós colocamos R\$ 20 bilhões a mais no mercado. Quando nós resolvemos dar R\$ 80,00 para o Bolsa Família, nós colocamos R\$ 12 bilhões no mercado. Essa somatória de dinheiro no mercado teria que resultar em alguma coisa. Nós saímos de R\$ 2 bilhões de financiamento da agricultura familiar para R\$ 15 bilhões. Ou seja, esse montante de dinheiro um dia começou a gerar consumo e, de repente, os



pesquisadores brasileiros começaram a descobrir que as classes D e E estavam consumindo mais do que as classes A e B – materiais de higiene, materiais de limpeza e comida. E os pesquisadores passaram a perceber que nas regiões mais pobres do País, onde os benefícios de transferência de renda eram mais fortes, o consumo estava maior do que nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Na verdade, esse foi o milagre brasileiro. As pessoas terem, por mais pobres que fossem, um pouquinho de recurso para comprar alguma coisa, comprar o essencial para sobreviver.

Bem, além de outros programas que nós fizemos de transferência de renda, que são muitos, eu posso dizer para os senhores que nunca houve no Brasil tanto crédito para o pequeno empresário, para o micro empresário e para o grande empresário como há hoje. Nunca houve tanto crédito disponível em nosso país. Porque prevaleceu a lógica de que a economia só pode funcionar se tiver crédito para financiar a própria economia.

Pouco tempo atrás, no Brasil, para você pegar algum dinheiro emprestado no banco, você levava três, quatro anos para ouvir dizer “não”. Porque se dissessem “não” em uma semana, você procuraria um outro banco. Mas levavam três anos para dizer “não”.

Bem, no Brasil nós tivemos uma vantagem: é que nós temos bancos públicos fortes. Nós temos uma rede de bancos públicos muito, muito forte. O banco que financia habitação e saneamento básico é um banco público – que é a Caixa Econômica Federal –, que é muito sólido. E ela trabalha com dinheiro do trabalhador, que é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Depois alguém explica para vocês o que é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

Nós temos o Banco do Brasil, que financia praticamente toda a agricultura brasileira – a pequena e a grande – e que financia crédito.

Quando veio a crise econômica, Maurício, quando veio a crise econômica o mercado de carro usado desapareceu. Ninguém queria financiar carro usado. Imediatamente, nós tomamos a atitude de comprar um banco que



financiava carro usado e que não tinha crédito. Compramos esse banco porque o Banco do Brasil não tinha *expertise* em financiamento de carro usado. E nós, então, compramos um banco privado... compramos não, fizemos uma sociedade meio a meio, 50 por cento para cada um. Em um ano o banco privado tem a presidência, no outro ano é o Banco do Brasil que tem a presidência.

Tivemos problemas com o Banco de São Paulo, compramos um grande banco em São Paulo. Compramos todas as carteiras de bancos pequenos que tinham dificuldade. Porque a verdade é essa, é que os bancos privados, os bancos privados brasileiros se acovardaram com a crise. Se acovardaram. Desapareceu o crédito. Nenhum grande empresário brasileiro, mesmo aquele que era cliente de um banco há 40 anos, conseguia crédito em um banco privado no Brasil, porque eles ficaram com medo. E quem apareceu para salvar? Foi o banco público que nós fortalecemos – o BNDES, que é o banco de desenvolvimento - que hoje é muito mais forte do que o Banco Mundial - a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil.

Esse foi o milagre da multiplicação dos pães. E ao mesmo tempo incentivar... Esses empresários aqui, Maurício, sabem o quanto eu cobro deles, todo dia, investimento no exterior. Não é investimento nos Estados Unidos ou na Alemanha, não. Porque esses países já são grandes demais. Mas são investimentos onde a gente pode espalhar distribuição de riqueza e fortalecimento do nosso continente, que é no Brasil, na América Latina, na América Central, na África, em países que nós temos uma supremacia tecnológica.

Pois bem, essa coisa toda que nós fizemos de crédito... eu não tenho nenhuma preocupação em dizer para vocês que foi o que fez o Brasil enfrentar a crise com mais soberania do que todos os outros países do mundo.

Bem, e, também, a tomada de decisões de um governo, Maurício, é uma coisa sagrada, Maurício. Às vezes a gente tem que fazer aquilo que parece



impossível de fazer. Os empresários brasileiros da área da construção civil, quando eu chamei para discutir o projeto Minha Casa, Minha Vida, os empresários disseram para mim: “nós só podemos assumir o compromisso de construir 200 mil casas”. Eu falei: 200 mil casas não é um grande programa. Eu quero um grande programa. “Ah, 500 mil casas”. 500 mil casas não é um grande programa, eu quero um grande programa. Anunciamos um milhão de casas.

Isso aqui eu acho importante que os nossos empresários conversem com os empresários de El Salvador, porque nós tivemos problema sério no banco: a quantidade de taxas de interesses que o banco cobrava... Era seguro disso, seguro daquilo, taxa disso, taxa daquilo... Nós tiramos praticamente tudo, e assumimos o compromisso que, para fazer casa popular, tem que ter subsídio do Estado, sim! A gente não tem que ter medo de dizer a palavra “subsídio” para resolver um problema crônico, que é o problema habitacional dos países de toda a América Latina.

E esse é um programa exitoso. Já temos mais de 330 mil casas em construção, já temos mais de 730 mil casas com projetos aprovados na Caixa Econômica Federal, e agora estou anunciando um próximo PAC, e vamos anunciar mais um milhão de casas no próximo período, que é para não parar mais.

Então, eu acho que tudo isso, Maurício, você pode construir junto com os empresários. Tem divergência? Tem. Chama de lado, conversa a divergência... Porque muitas vezes, também, muitas vezes, também, houve falta de conversa entre o setor empresarial e os governantes. Mesmo aqueles governantes que pareciam receber apoio dos empresários, não tinham diálogo. Não existia debate, discutir de projetos do País.

E o Brasil quer fazer isso. Queremos fazer isso abertamente, como fizemos com vocês aqui. E o Brasil quer apresentar projetos no setor energético, no setor de transporte, no setor do etanol, no setor da energia





elétrica. Ou seja, estamos dispostos a apresentar projetos, e construindo juntos. Nós já temos uma câmara de comércio El Salvador – Brasil, que eu vim falar aqui. Essa câmara tem que ser a indutora dessas reuniões. Ou seja, a cada semestre, vocês precisam se reunir para tomar um café, tomar um uísque, tomar uma cerveja, mas conversem meia hora pelo menos.

Quero dar parabéns à Taca, que está fazendo essa incursão pelo Brasil. Porque esse é um desafio que o Brasil tem de obrigar as empresas brasileiras a voarem para a América do Sul. Eu já cheguei até a ameaçá-los de tirar uma empresa pública de avião para cobrir a América do Sul e a África, já cheguei até a ameaçá-los. Mas como agora você está fazendo isso, como você está fazendo isso e eu só tenho onze meses de governo, nós vamos dar oportunidade para que a iniciativa privada... porque é engraçado, não tem voo. Se alguém quisesse vir para El Salvador, alguém tinha que ir para Miami. Ora, se eu for para Miami para fazer negócio em El Salvador, eu já faço o negócio em Miami. Por que eu vou vir aqui? Eu tenho dito aos empresários brasileiros: pelo amor de Deus, se a gente quiser fazer negócio com a África, não vamos a Londres, não vamos a Paris, vamos direto para a África. É lá que está o nosso comprador, o nosso parceiro. Porque é muito difícil o Brasil vender uma máquina sofisticada para a Alemanha, porque a Alemanha tem máquina mais sofisticada do que o Brasil. A tendência é a gente ir lá vender e ter que comprar uma. Mas na África, não.

Então, é essa lógica que eu acho que nós temos que construir entre o Brasil e El Salvador: a lógica da parceria, a lógica da... E podem, aqui, os companheiros de El Salvador contar comigo. Os meus companheiros brasileiros sabem que eu defendo esta tese, os meus ministros sabem que... uma coisa é os meus ministros da área social virem aqui a El Salvador ajudar o companheiro Maurício e ajudar o povo de El Salvador. Que leva tempo, demora, porque tem uma burocracia, porque tem toda uma série de coisas. A outra é investimento. O que conta na verdade para o desenvolvimento de um



país é investimento. E investimento significa que tem que ter crédito. E é por isso que o BNDES tomou a decisão de financiar empresas brasileiras no exterior, de financiar venda de caminhões e de máquinas agrícolas financiadas pelo mesmo sistema do Finape, no Brasil, que é para poder a gente não apenas ajudar mas também como faz a Marcopolo, montar empresas em outros países, montar empresas montadoras em outros países. Porque é isso que vai gerando confiança entre nós.

E eu acho que o século XXI tem que ser o século da América Latina. Aqui todo mundo, Maurício, todo mundo aqui tem experiência. Tanto brasileiro como el salvadoreño [salvadorenho]. Nós passamos a vida inteira achando que eram os Estados Unidos que iriam salvar os nossos países. Depois passamos mais um outro tempo achando que era a Europa que ia salvar os nossos países. Depois, agora, passamos um tempo achando que a China que ia salvar. Ninguém vai salvar ninguém. Cada um quer vender para nós. Os chineses, se puderem, eles vendem tudo o que quiserem para nós, até a gente ficar devendo o que não tem para eles, sabe?

Então, nós temos que construir entre nós, aproveitar as nossas similaridades e construir alguma coisa que não permita... Eu acho o mercado americano extraordinário para o Brasil e, certamente, extraordinário para El Salvador. Sabe, é extraordinário. Mas é importante que a gente não fique dependendo só de um outro país. Essa crise agora mostrou: quanto mais diversificada você tiver a sua relação comercial, mais chance você tem de não ser vítima de uma crise mundial em que o crédito desapareceu no mundo.

Então, eu queria que vocês, empresários de El Salvador e empresários brasileiros, tivessem a certeza de que da nossa parte nós queremos fazer coisas diferentes do que fizemos no século XX. E trabalhar, Maurício, para ver se a gente faz um acordo (incompreensível) e Mercosul. Ou seja, é uma desgraça o medo que nós temos de nós mesmos.

Na América Central, na América Latina, os empresários, no século XX,



tinham medo dos empresários brasileiros e não tinham medo dos empresários americanos. Era fantástico. Era fantástico, os empresários brasileiros eram vendidos como se fossem o demônio, Calderón fala isso toda vez. Ou seja, como é que pode os empresários mexicanos terem medo dos empresários brasileiros e não terem medo dos americanos, que estão ali, do lado deles?

Agora parece que as coisas começam a mudar. As pessoas estão compreendendo que ninguém precisa ter medo de ninguém. O que nós precisamos é construir parcerias entre nós, acordos que deem chance aos empresários dos dois países sobreviverem. E eu acho que é essa a novidade que nós poderemos construir com vocês.

Por isso, parabéns aos empresários brasileiros que vieram aqui. Parabéns aos empresários salvadorenhos. E parabéns, companheiro Maurício, pelos seus primeiros meses de governo. Um abraço.

(\$211B)